



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

THAYNÁ LIMA FAGUNDES

(depoimento)

2015

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-573

Entrevistada: Thayná Lima Fagundes

Nascimento: 18/03/1992

Local da entrevista: ESEF-UFRGS Porto Alegre

Entrevistador: Claudia Yaneth Martínez Mina

Data da entrevista: 30/06/2015

Transcrição: Claudia Yaneth Martínez Mina

Copidesque: Claudia Yaneth Martínez Mina

Pesquisa: Claudia Yaneth Martínez Mina

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 34 minutos e 15 segundos.

Páginas Digitadas: 18 páginas.

Observações:

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Claudia Yaneth Martínez Mina intitulada *Os significados dos futebóis na trajetória de vida de atletas da equipe de futsal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.*

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Inserção na modalidade; Incentivo familiar; Esporte na escola; Competições; Futsal ensino fundamental, Competições no ensino médio; Esporte universitário; Futsal Estadual; Futsal Universitário; Motivação; Inserção na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Significados da prática esportiva; Atuação como professora de escolinha esportiva; Relação entre mulheres e futebol.

Porto Alegre, 30 de junho de 2015. Entrevista com a atleta de futsal Thayná Lima Fagundes a cargo da pesquisadora Claudia Yaneth Martínez Mina para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M – Como você começou a jogar futsal ou futebol? Quais são as lembranças sobre a primeira vez que você bateu uma bola?

T.F – Como eu tenho um irmão mais velho, guri, é normal gostar de jogar bola. Daí eu sempre fui muito pegada a ele, então, como ele é guri e gosta de jogar bola, aí acabava mais ligando ele, sempre fui muleca¹ né, para variar; daí eu jogava bola com ele. Então, sempre foi jogando com ele, mas jogar futebol assim de ter noção do que eu estou fazendo, foi na quarta série no meu colégio. E aí, eu jogava com os guris porque as gurias nunca queriam jogar bola, e eu jogava no gol: “Ah, vou jogar na linha”; “Não, vai ser perigoso e...” “Tá, eu vou para o gol então”, e ficava no gol, desde lá eu comecei, pois nunca mais parei.

C.M – Quando você começou a jogar com seu irmão, jogava na rua com os amigos também?

T.F – Sim, a gente morava num condomínio e onde tinha uma quadra, uma cancha, sei lá que é que era aquilo, bem na entrada, e a gente jogava com os gurizinhos. Tinha uma guria também que jogava lá, então, como ela não queria jogar sozinha e eu queria jogar, eu: “Meu irmão está indo lá, tem uma guria, eu vou jogar.” Aí, eu jogava lá. Às vezes dentro de casa até, minha mãe ficava louca, mas a gente jogava.

C.M – E a menina porque não queria jogar sozinha?

T.F – Porque era um monte de guri, tipo só tinha guri jogando bola, vamos chamar os guris, aí, por isso é que ela não queria. Ela tinha meio medo, mas ela jogava muita bola. Daí deixaram e então a gente começou a jogar com eles, porque jogava bem, só por isso também né, senão não iam a aceitar a gente.

C.M – Nessa época qual era o principal motivo pelo qual você jogava futsal?

T.F – Ah, porque eu gostava, gostava muito é que na verdade eu não jogava só futsal, mas por ser paixão maior, era o futsal.

C.M – E quais outras coisas jogava?

T.F – Vôlei, basquete, até carniça, é um joguinho que tu amassava uma latinha de refrigerante, bem achatadinha, e delimitava uma área, tu chutava e quem pegava, tu tinha que sair batendo até ela sair dessa área, ela só podia voltar depois que saísse, era um jogo meio violento mas era engraçado [RISO].

C.M – Alguém da família incentivava a você para jogar futsal?

T.F – Meu irmão, porque como eu jogava sempre com ele, e aí quando eu comecei a jogar no colégio, ele: “Bah, que legal, vamos jogar bola”. Aí, depois que me irmão começou a me dar uma força, minha mãe começou a me apoiar também, mas mais meu irmão.

C.M – E alguém da família não gostava que você jogasse?

T.F – Não, nunca reclamaram, nunca falaram nada.

C.M – Você estudou numa escola pública ou particular?

T.F – Pública, estadual

C.M – Nessa escola você também jogava?

T.F – Sim, foi onde eu comecei a jogar com os guris.

C.M – Como foi essa experiência?

¹ Palavra usada para descrever uma garota travessa, inquieta e brincalhona.

T.F – Foi meio estranha [RISO], porque era só eu no meio de um monte de guri. E quando batia para o recreio, porque era recreio não era intervalo, eram as gurias só, eram dois grupinhos, as gurias se iam a jogar vôlei no meio do colégio e os gurus iam para uma cancha de areia que tinha no lado, era no colégio, mas era mais para o lado. E tu olhava assim, e estava eu lá com os gurus jogando no meio deles, e era diferente, era estranho, mas eu achei que todo mundo ia pensar: “Que é que é uma guria cá no meio dos gurus”, mas tipo, era de boa e eu gostava.

C.M – E além de você jogar nesse espaço, como eram, por exemplo as aulas de Educação Física?

T.F – Era largobol². Era, o professor pegava a bola e era trimestre se não me engano. Esse trimestre é vôlei, no outro trimestre é basquete e vamos finalizar com o futsal, era geralmente isso. Então ele pegava a bola e dava e a gente jogava. Às vezes as gurias não queriam, então, ele, ela, ela, era uma professora, ela pegava a bola de vôlei e a de futsal, e aí ela fazia assim, botava uma em cada mão e falava: “As gurias se quiserem, os gurus se quiserem” e assim. E aí, eu sempre ia com os gurus, normal. E era eu e a minha irmã, que minha irmã era minha colega, então, era eu e ela e mais umas, duas, três gurias.

C.M – E elas porque não queriam jogar?

T.F – É porque era só guri. E elas: “Ah, guri, guri não sabe jogar com gurias”, sempre tem aquilo, mas era por isso. Mas, como a gente jogava sempre, os gurus eram parcerias, eles acabavam deixando, e acho que era porque a gente jogava bem também por isso é que eles deixavam, senão, não iam deixar.

C.M – Você acha que dentro da escola incentivavam a prática de futsal nas meninas?

T.F – Olha! Se fosse pela Educação Física, não, porque o professor não falava nada. Mas se fosse a gente falando: “Vamos jogar bola na aula” na aula de Educação Física, aí eu

² Expressão usada para se referir ao fato do professor largar a bola para os estudantes e deixá-los jogando por sua conta.

pode - se dizer que sim. Mas é vindo da gente mesmo, não questão da aula de Educação Física seja um incentivo.

C.M – E no colégio incentivavam para fazer alguma outra prática esportiva nas meninas?

T.F – Não.

C.M – Nenhuma?

T.F – Não

C.M – Mas você jogava fora da escola, competia?

T.F – Não, ainda não. Só depois que entrou o outro professor de Educação Física, que ele abriu uma escolinha, escolinha entre aspas, era escolinha do colégio mesmo, dentro do colégio. E, vieram todas aquelas gurias que já jogavam e mais algumas que estavam meio com receio de chegar, e juntou o turno da manhã, tarde, noite e escolheu um horário de treino e era, provavelmente, depois das aulas, no intervalo de turno, e aí é que começava a jogar digamos, fora do expediente de aula.

C.M – E você como se organizava para ir à escola, ir à escolinha e fazer as tarefas?

T.F – Eu tinha sorte que a escolinha era na escola, onde eu estudava, e a minha avó morava atrás, então, eu já saía com a mochila nas costas com tênis, “shorts” porque na época eu jogava na linha, e aí já ficava, almoçava, e aí ficava na aula. Depois ficava lá na escola para jogar bola e chegava em casa geralmente e fazia meus temas, eu era uma aluna aplicada, eu era. E depois, geralmente era pouco tema na escola estadual nada contra, mas era assim.

C.M – Você lembra algum acontecimento relacionado com a prática de futsal nessa época, que você achou curioso?

T.F – Não me vem nada na cabeça

C.M – Quando você estava na escola qual era o principal motivo pelo qual você jogava?

T.F – Ah, prazer, [RISO], muito prazer, ah, gostava muito. Era muleca, como eu disse. Gostava. Queria sempre fazer farra e jogar bola.

C.M – Quais foram as experiências mais significativas de jogar futsal dentro da escola?

T.F – A gente jogou, [pausa para pensar], ah, como é que o nome? JERGS³, que eram jogos escolares, a gente jogou uma vez, e a gente nessa única vez tirou o quarto lugar. Eu acho que é isso assim, depois disso eu fui crescendo, mas da escola em si, era isso.

C.M – E como foi essa experiência de participar?

T.F – Nova, [RISOS], porque nunca tinha jogado. Eu comecei a jogar na linha, uma vez meu professor falou assim: “Ah, alguém quer ir no gol?” E aí eu: “Bah! Eu vou né”, todo mundo quer no gol, de início, aí eu fiquei. Quando terminou o treino ele chegou para mim e falou assim: “Tu nunca mais vai sair do gol.” Tá, beleza! Aí, quando a gente foi jogar essa competição escolar, eu já joguei na linha, no gol, joguei no gol. Daí foi diferente, quando tu chega lá dentro do ginásio, uma galera, um monte de escola, nunca viu aquelas caras na tua vida, e aí, aquela pressão, aquela adrenalina, “*meu deus do céu eu preciso jogar bem, preciso ir bem!*” Mas era a primeira competição, estava apavorada. Mas foi, depois no primeiro jogo, acho que até hoje é assim, tu joga apavorada, mas depois que tu entra, tu aquece, tu te sente em casa, já fica melhor.

C.M – E que significou para você ser parte desse time escolar?

T.F – Olha, significou uma escolha na minha vida, que era fazer parte de um time de futsal, era isso.

C.M – Você no ensino médio continuou nessa mesma instituição?

T.F – Não, eu fiz até a sétima série na escola estadual, na oitava eu mudei para uma privada, que é uma escola vinculada com um clube, lá era uma escolinha mesmo que, era algo assim, de alto rendimento. E isso eu tinha quatorze anos eu acho, é, quatorze anos, que aí começou a ser um treinamento mais específico para futsal mesmo, para competições. Porque esse clube tem em vários lugares do Brasil, que é ACM⁴. Daí todo o ano tem os JABS, que é os Jogos Acemistas Brasileiro⁵, e, geralmente, nas férias. Então, todo meu ensino médio da oitava até o terceiro ano eu joguei nesse clube.

C.M – Até o terceiro ano?

T.F – Isso

C.M – E depois você continuou jogando?

T.F – Sim, porque como era um clube, eu me formei, mas eu continue no clube, e aí eu continuei jogando dois anos, acho, é, dois anos nesse clube. E aí depois desse clube foi quando eu entrei na faculdade e aí mudou para profissional.

C.M – Como eram os treinos nesse clube?

T.F – Olha, era um professor, era um educador físico já formado, só que era só ele, então, era mais treinamento para o pessoal da linha. Goleira que era só eu de início, depois entrou mais uma ou duas, era um treinamento mais específico para elas; e quando elas faziam tudo o que tinham que fazer, ele me utilizava: “Agora vamos fazer a finalização”. E assim até que entravam estagiários, e eles geralmente entravam para preparar os goleiros para a minha sorte, e tinha um treinozinho mais específico. Mas nada de muito pesado, porque como ele era estagiário no estava muito pronto para fazer isso, e não me conhecia, não conhecia direito a instituição lá.

C.M – Também treinavam com meninos ou só com meninas?

³ Jogos Escolares do Rio Grande do Sul.

⁴ Associações Cristãs de Moços.

T.F – Não, eram meninos em um treino e meninas em outro treino, era separado.

C.M – Nunca integraram os dois times?

T.F – Às vezes quando precisavam, ou vamos fazer amistoso, fazer menino contra menina. Ou quando faltavam, por exemplo, quando eu faltava em um treino, eu não queria perder o dia e chegava na hora do treino dos guris: “Posso jogar? Posso treinar com os guris?” E aí eu podia.

C.M – E você achava alguma diferença nos treinos dos meninos e das meninas?

T.F – No início sim, mas depois eu vi que era tudo a mesma coisa, tudo igual.

C.M – E porque no início sim?

T.F – Porque tu vai com aquele pensamento de “menino, é algo mais forte, um bagulho mais pesado, é diferente, mais difícil”, mas depois que tu começa a fazer, tu vê que não, que é a mesma coisa. Exatamente a mesma coisa. Tem até facilidades que tu tem e que o menino não tem, e vice-versa.

C.M – Nessa época, além de você jogar nesse clube, você jogou em outros times?

T.F – Não

C.M – Só depois quando ingressou na faculdade?

T.F – Isso

C.M – E como foi esse processo de ingressar na ULBRA?⁶

⁵ É uma competição esportiva entre jovens das ACMs do Brasil.

⁶ Universidade Luterana do Brasil.

T.F – Foi assim: Eu tentei a UFRGS⁷, o vestibular e não deu muito certo. Daí eu fui uma vez com uma amiga minha na ULBRA a fazer não me lembro que, e ela comentou de que o time de futsal da ULBRA dava bolsa. E eu: “Jogar bola e vou ganhar bolsa para jogar... Vou tentar”. Então eu fui, fiz o vestibular para Agronomia, passei, e eu tive que pagar a primeira parcela, e logo, depois foi a peneira. E eu passei, eu ganhei a bolsa e eu continuei jogando na ULBRA com a bolsa.

C.M – Como era a dinâmica dentro do grupo, dentro do time, como eram as relações?

T.F – [RISO], era bem, era bem estranho. Era um grupo bem fechado, uma baita de uma panela. Não que todo time seja assim, mas que é que lá era bem nítido. O pessoal de linha era mais família com o pessoal de linha e goleira é família com as goleiras. Então, como eu fiz o teste para jogar no gol, tinham duas goleiras lá, fui eu e mais duas goleiras para fazer o teste, passou eu e mais uma, só que tu passava no primeiro dia de peneira e tu continuava para ver se tu ia continuar jogando e/ou ganhar bolsa para continuar. Mas poderia jogar sem a bolsa, não necessariamente só joga quem tem bolsa. Daí, quando eu entrei era um bagulho assim meio, goleira de um lado e linha do outro, e aí era muito desfocado, até porque as gurias já eram as mais velhas do time, então ficava muito: “As gurias da linha se dão com as gurias” sim, há anos que elas estão aí. A outra goleira saiu porque eu ganhei a bolsa e a mãe da guria queria que ela ficasse com a bolsa, então tirou ela. Daí, ficou só eu, então era eu e a guria nova. Mas a goleiras só apavoradas: “Meu deus que é que tu estás fazendo em meio dessas gurias, tu está aqui, todo panela”. Mas as gurias, as goleiras me recepcionaram bem e na ULBRA era assim: conforme tu evolui, as gurias te aceitam. Então, no início mal olhavam na minha cara, depois, conforme elas foram vendo minha evolução, elas começaram me aceitar melhor, até a treinadora inclusive.

C.M – O que significou para você passar na peneira da ULBRA?

T.F – Bah! Muito, porque aí eu pensei assim: “Eu sou boa, [RISOS], eu jogo bem”. Mas aí que eu vi que é possível outra pessoa reconhecer que eu jogava bem, e depois disso, eu evolui mais ainda.

⁷ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

C.M – Você nunca antes tinha sentido esse reconhecimento?

T.F – Já, mas é que é porque eu sabia que o nível que era na ULBRA não era o mesmo nível que era na ACM, digamos assim. Então, eu estava feliz, reconhecida e tal, reconhecida. Mas quando eu entrei na ULBRA era no outro patamar, aí eu estava apavorada, bah! tá louco, só profissional e vou eu lá, inquilina no negócio, mas aí começaram a reconhecer, aí sim, aí eu fiquei feliz, mais feliz.

C.M – Como foram as experiências dentro do time da ULBRA os campeonatos?

T.F – Ah, foi bem legal, foi muito legal, porque, não que não tivesse vivido, mas é que eram experiências teoricamente diferentes. Porque um campeonato que eu disputei, um torneio lá em Santa Cruz⁸, era a primeira competição valendo que eu ia disputar com a ULBRA. A gente tinha jogado com três goleiras, então não tinha como fazer um tempo para cada. Então foi, primeiro tempo tinha a titular, jogou a primeira goleira, depois no outro tempo jogo a segunda, mas jogou só, eu acho que eram dois de quinze, ela jogou eu acho uns..., nove, dez minutos e o resto eu joguei. Mas o jogo estava pegado, mas mesmo assim o treinador me colocou. E eu estava apavorada. Bah! primeiro jogo contra a ULBRA, vou lá e tomo um gol, e a gente estava ganhando de zero, estava eu acho uns três, quatro a zero. E bah! Eu vou lá, a novata e tomo o gol, estava apavorada. Mas eu entrei e foi bem, as gurias reconheceram e vieram me parabenizar. E veio os JUGS⁹ que para qualquer universidade que participa é o auge do ano, só que esse eu estava mais no banco, não estava tão para competir ali. Agora eu não me lembro se o estadual¹⁰ começou antes ou depois dos JUGS, sei que teve estadual e eu apavorada, mas eu queria jogar, porque eu estava treinando com as gurias, queria jogar de qualquer jeito, só que demorei um pouco para entrar. Foi o primeiro jogo que eu não joguei, o segundo jogo esqueci a minha identidade e não pude entrar em quadra, o terceiro jogo não me lembro, sei que teve um jogo lá em Caxias¹¹, que foi em que eu entrei, mas aí foi bem, fui de boa. Então, eu fui pegando confiança com o passar de tempo eu ia pegando confiança no treino, o meu preparador e as outras goleiras que viam também chegavam para mim e faziam com que eu

⁸ Santa Cruz do Sul é um município no estado do Rio Grande do Sul.

⁹ Jogos Gaúchos Universitários.

¹⁰ Campeonato Estadual de Futsal

¹¹ Caxias do Sul é um município do estado do Rio Grande do Sul.

viesses que eles estavam reconhecendo, então fui pegando confiança, ficando cada vez mais à vontade.

C.M – Que aconteceu depois, porque você deixou o time?

T.F – Tiraram a minha bolsa. A treinadora chegou e... Mas a culpa não é ela a verdade eu entendo ela, porque no meio do ano de 2012, eles tinham que ter uma lista de quem ia ficar com as bolsas e quem ia sair, e a gente eram três goleiras e tinham que ficar só com duas. E na lista do meu preparador estava eu e a primeira goleira, e na lista da treinadora estava também, só que a primeira goleira se machucou, acho que ela deslocou o cotovelo, uma coisa assim. E a treinadora pensou assim: “Bah, não vou perder a minha goleira de confiança”, então ela trocou, e quando mudou o ano ela tirou a minha bolsa, e tirou meu estudo, daí eu tive que sair.

C.M – E que significou para você esse acontecimento?

T.F – Bah! Fiquei indignada. Mas significou, na verdade, dizem que algumas coisas têm que ir embora, para coisas melhores chegarem, então graças a ela é que eu consegui entrar na UFRGS. Porque eu saí da ULBRA, daí eu fiz o cursinho, fiz o vestibular e aí consegui passar na UFRGS, se eu estivesse na ULBRA não teria tentado nem o vestibular.

C.M – No tempo que você jogou na ULBRA também jogou em outros times?

T.F – Não. Só com a mesma treinadora, que ela tinha uma escolinha de campo e eu podia jogar com ela, ela disse para nós: “Se vocês jogarem comigo, vocês não podem jogar, porque se vocês se lesionarem fora, vocês perdem a bolsa, porque vocês têm a bolsa para jogar para a ULBRA, então se você se machucar por outro time perdeu a bolsa, se quer jogar, joga, mas é um risco que tu tem”, então, não, não jogava. Só jogava campo quando ela pedia, que era com ela mesmo, aí tudo bem.

C.M – Você também jogou estadual quando estava na ULBRA?

T.F – Isso

C.M – E como foi esse processo de seleção?

T.F – Olha, a segunda goleira, ela faltava muito nos treinos, ela estava com muito problema, só que para tu ter a bolsa, tu tem que estudar e ela não fazia muita questão, porque ela trocou de curso duas vezes, ela não conseguia terminar um curso. E eu não, eu estava indo bem, e tu tem que ir bem para manter as notas. Então, eu ia no treino, me focava e a primeira goleira que para mim, é a melhor goleira do estado, ah está parelha a “Re”¹² na real. Mas ela falava: “Tu está indo muito bem, está evoluindo, daqui a pouco eu vou estar no banco te assistindo”, falou para mim. E conforme ia passando o Estadual eu ia evoluindo, ia pegando mais confiança. Teve um jogo, que ah, mas só que não foi em estadual foi nos JUBS, que a goleira, Kariny¹³, ela estava com o braço, com o cotovelo deslocado e jogou a segunda goleira, ela tomou tanto gol, mas tanto gol, que eu estava olhando assim: “Cara, me bota.” Eu falei para a outra goleira: “Me coloca, me coloca que eu acho que eu vou melhor, eu consigo ir melhor”. Então, conforme foi passando o ano, que foi durante todo o ano 2012 o estadual, eu fui pegando confiança, e nessa confiança me fez querer muito entrar: “Me bota, me bota!” Tanto que quando eu entrava geralmente dava conta do recado, sentia, ah eu sou grandona, mas, só que cada professor com seu jeito.

C.M – E você jogou como profissional só na ULBRA?

T.F – Só na ULBRA. Só na ULBRA. Não Espera aí, no ano de 2012 só na ULBRA. 2013 eu não fiz nada, eu estava no amador e 2014 entrei na UFRGS e no AFUSCA¹⁴, que é onde joguei de novo o Estadual, 2014.

C.M – E como é ser uma jogadora profissional aqui em Porto Alegre ou em Rio Grande do Sul?

T.F – Ah, é difícil, difícil porque tu tem que bancar tudo, é difícil tu sem patrocínio, para apoiar o futsal feminino é muito difícil. O AFUSCA tinha muito problema, a gente

¹² Renata Máximo, atual jogadora de futsal da UFRGS.

¹³ Kariny Gomes Rosa.

começou com um baita de um plantel, bah! muito grande, muita guria, muita guria era, eu acho que tinha seis homens na comissão e umas dezoito ou vinte gurias no time, quando começou. Daí foi passando, foi passando e quando vi a gente estava com umas sete gurias no grupo e um cara na comissão. E o patrocínio caiu, e aí é difícil. Depois, a gente tinha que começar a bancar as coisas de nosso bolso, e ficava bem complicado. É complicado, mas não é que seja só aqui no Sul, é em vários lugares.

C.M – Mas vocês jogaram campeonatos completos?

T.F – Sim.

C.M – E nesses campeonatos qual era o apoio que vocês recebiam por jogar?

T.F – Financeiro?

C.M – Sim, em todos os sentidos.

T.F – Financeiro nada. Só ia com a parte em que eu não precisaria pagar para jogar, porque nosso treinador o que ficou, *bah ele lutou muito, lutou muito mesmo para a gente não precisar pagar, não tirar o dinheiro do bolso*. Às vezes ele pegava do bolso dele para a gente não pagar. Então, o que eu ganhava mesmo era reconhecimento, reconhecimento, tipo ir a jogar em vários lugares do Rio Grande do Sul, e em vários lugares que eu ia tinha gente que me conhecia. Por exemplo, em Uruguaiana¹⁵, eu fui para Uruguaiana a jogar lá, e aí eu joguei muita bola, mas tanta bola, que quando eu saí do ginásio, eu saí machucada fui para o hospital, eu saí aplaudida, tinha umas duas mil pessoas no ginásio e as duas mil pessoas me aplaudiram de tanto que eu joguei. É que eu penso assim, essa parte eu gosto, mas não tem preço. Eu gosto, eu gosto de ser reconhecida, tu estás fazendo um trabalho, tem que ser reconhecida e quando tu consegue isso, esse reconhecimento, para mim é, ah eu fico feliz.

C.M – O que significou para você fazer parte do futsal profissional?

¹⁴ Associação Futsal de Cachoeirinha.

¹⁵ Uruguaiana é um município situado no estado do Rio Grande do Sul.

T.F – Olha, na carreira de atleta, eu acho que o que eu mais posso falar sempre vai ser o reconhecimento.

C.M – Depois que você fez o vestibular, você passou na UFRGS, como você conheceu o time da UFRGS?

T.F – Como eu já estava nesse ramo de jogar futsal há um tempo, eu acabei conhecendo o pessoal por fora, na final do estadual 2012 foi contra “Re”, agora não me lembro se era a “Jaque”¹⁶, a Vanessa¹⁷, mas eu lembro da “Re”, eu lembro dela, que ela é goleira, então eu lembrava dela. Então, como eu já jogava há um tempo, eu acabei conhecendo o pessoal que jogava fora, conheci a “Su”¹⁸ que trabalhava no Grêmio¹⁹ quando eu joguei; conheci a Luanna²⁰, conhecia a “Re”. Quando eu entrei na UFRGS a “Re” foi a primeira pessoa que chegou e falou assim: “feito, vem treinar comigo na UFRGS” ela botou assim para mim, então foi assim, foi mais assim, já conhecia o “Jeff”²¹ também do mesmo time que a “Re” jogava, não conhecia de falar, mas de conhecer se ele já me conhecia. Daí foi assim, foi mais por já conhecer o pessoal, e já que eu queria fazer parte, eu conhecia o time da UFRGS, de ouvi falar, de vi jogar, tanto que nesse campeonato em Santa Cruz ou Cruz Alta, a UFRGS estava também.

C.M – Como foi quando você chegou e começou a treinar, quando você se decidiu começar a treinar com o time?

T.F – Quando eu soube que tinha a peneira eu já fui a fazer, eu arrastrei mais algumas colegas minhas. Daí eu fiz, daí o “Jeff” falou que eu tinha passado, que era para o pessoal treinando no início é sempre difícil, porque já tem um grupo aí fechado, não, a ULBRA, a ULBRA é bem diferente nisso porque a UFRGS é muito mais receptiva. Mas sempre é aquele receio, quando eu treinava eu era mais na minha, como eu conhecia mais a “Re”, então, era um negócio mais uma relação de eu e ela, e ela faziam com que eu me sentisse

¹⁶ Jaqueline Machado, atual jogadora de futsal da UFRGS

¹⁷ Vanessa Prestes Polese, atual jogadora de futsal da UFRGS

¹⁸ Suellen dos Santos Ramos, atual jogadora de futsal da UFRGS

¹⁹ O Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

²⁰ Luanna Rosseto, atual jogadora de futsal da UFRGS

mais à vontade, que ela acabava me misturando. Mas eu conheci a “Verdi”²², conheci outra goleira que eu não lembro quem era. E eu achei em conta muito, a parte do teu potencial, se tu vai bem, tu é mais aceita, o pessoal te aceita mais fácil, agora se tu vai mal e um processo mais difícil.

C.M – Isso desde que ano foi? Você começou a treinar desde...

T.F – Na UFRGS?

C.M – Sim

T.F – 2014

C.M – Como tem sido essa experiência dentro do time?

T.F – Muito boa

C.M – Por que?

T.F – Ah, eu amo jogar aqui, porque o grupo é uma família. Tu está dentro de quadra e tu está fora de quadra, tu continua sendo da família. E é bom treinar, o pessoal quando está afim se dedica, se esforça. E não é aquele treino que tu treina e fica assim: “Ah, que coisa chata, não aguento mais.” Não, o bagulho é vamos treinar, vamos! e eu ia com muita vontade, tu sai daqui muito satisfeita e outra, está fazendo o que gosta, eu por exemplo. Ah, tu gosta muito, “vou treinar, hoje tem treino” aceito, feito. Tu sai de lá pingando de tanto que gosta de jogar bola. É muito bom.

C.M – Qual foi a principal motivação para você continuar jogando e querer fazer parte desse time da universidade?

²¹ Jeferson Dickel, foi treinador do time feminino de futsal da UFRGS de 2011 a 2014.

²² Gabriela Verdi, atual jogadora de futsal do time da UFRGS

T.F – Olha, é que quando eu fiz a peneira, eu passei, só que eu acho que pode ser a “Re”, a “Re” ficava sempre no meu ouvido, sempre, e eu nem que entrar na UFRGS ainda, e ela já estava querendo que eu treinasse com ela lá. Então foi isso, foi a “Re”.

C.M – E por que atualmente você continua jogando?

T.F – Porque é um lugar onde eu não venho só a jogar bola, eu venho onde eu encontro a minhas amigas, onde eu encontro pessoas que me fazem feliz, que gostam de mim e que eu gosto. Então, eu não venho só a jogar bola, não é só isso que eu tenho aqui, eu tenho amigas aqui, então dá muito prazer de vir e jogar bola.

C.M – Como a universidade apoia o time de UFRGS?

T.F – [RISOS] Então, isso eu não sou muito por dentro, mas eu sei que eles apoiam mais os guris, em qualquer lugar que tu vá: “Ah, os guris, guris e as as gurias...” Do jeito que tu fala, tu vê, sabe. Quando falam dos guris a empolgação é lá em cima, quando fala das gurias é um negócio meio: “Tá, né, vamos ver que é que dá.” Só que todo mundo sabe que as gurias são melhores que os guris. Mas, apoio tem, tem que dar uma chorada mas acaba tendo.

C.M – A universidade que dá para o time?

T.F – Olha, quando tu pede, dá transporte, às vezes dá auxílio que precisa, como por exemplo teve nos JUGS, que eles conseguiram um dia de posada e alimentação. Geralmente é isso.

C.M – Uniformes?

T.F – Uniforme, até hoje eu não sei de quem são os uniformes, vou te ser bem sincera [RISO], mas eu acho que deve ser.

C.M – Você nesse momento treina em outro time além da UFRGS?

T.F – Não.

C.M – Como você pode descrever a sua experiência como mulher que joga futsal/futebol, que é um esporte que socialmente se considera masculino?

T.F – Olha, falando de mim mesmo, particularmente, eu, redundância total. Comigo é super de boa porque onde eu vivo, no meio em que eu vivo e as pessoas que eu convivo são super abertas, eu acho até demais. Eu chego em casa da minha família, na parte de pai, que tem cinquenta mil tios, cinquenta mil primos, e quando eu chego: “Olha a atleta chegando”... “Tá, e quando é que é o próximo jogo?”... “Tá e como é que está o futsal?”... “Andam apanhando muito, andam se lesionando?” Onde eu convivo é um pessoal que tem muito interesse e apoiam muito, apoio total. Teve um dia que a minha tia chegou para mim e falou assim, chamou a um primo meu que ele é administrador, sei lá o que ele é, e aí: “Senta aqui vamos conversar! Nós temos que conseguir um patrocínio para essa guria.” Bem assim. Ele dava risada, porque não era com ele isso, só que ele gostou muito da ideia, daí ele falou assim: “Bah, a gente pode ver, vamos ver se a gente consegue”. Então, para mim é super de boa, mas eu vejo que é complicado para muita gente, falando de mim é muito tranquilo.

C.M – Além de ser jogadora de futsal, alguma vez trabalhou com o futsal em algum outro aspecto? Deu aula?

T.F – Eu trabalho numa escolinha de futebol de campo e futebol sete, feminino de preferência. Mas, olha, é muito estranho, tu só vir para jogar e tu ir para dar aula. Mas acho que como tu está há um tempo, tu acaba aprendendo, por mais que a minha posição não me ajude muito com o pessoal da linha. Mas tu vê, explicando, explica mil vezes, aí tu presta atenção, tu olha aquele monte de rabisco na folha, na prancheta, tu acaba aprendendo. Então, eu acho que ainda tenho muito que aprender para dar aula, mas no que eu estou dando estou indo bem.

C.M – São meninas?

T.F – Meninas. É tudo sub-dez, de dez a dezessete anos. E jogam muita bola, *Meu deus! Essas gurias já jogam muita bola.*

C.M – Sim? E com tem sido essa experiência com elas?

T.F – É legal. No início estava apavorada: “Meu deus, que é que eu vou fazer com essas crianças”. Daí, o meu chefe, teoricamente é chefe, teve uma aula que ele falou assim: “Eu não vou conseguir ir, então tu monta o treino e dá”. Bah! Me apavorei, e agora?, “Google”, “Youtube” fui procurar como é que dava aula. Daí, eu vi umas aulas e pensei: “Isso aí é muito igual ao que faz no futsal”, muda só o tamanho do campo, a bola tudo, mas são coisas que não mudam muito. Então, eu montei o treino direitinho, eu fiz e o retorno das gurias foi sensacional, as gurias me adoram. Elas chegam para mim e falam: “oh Nega²³ tu vai dar aula no lugar do Lyon²⁴ né. Ah tu é melhor que ele” [RISO], mas não, é bem assim, elas são super de boa.

C.M – Qual é a melhor coisa que o futsal trouxe para sua vida?

T.F – [RISO] Conhecer o Brasil [RISOS], viajei para vários lugares já, e a tendência é ir mais, poder sair, sair do Rio Grande do Sul.

C.M – E algum aspecto negativo dentro da sua experiência?

T.F – Lesões, muitas lesões. Eu quebrei minguinho, metacarpo, quarto metacarpo da mão direita, meu punho agora, o joelho, cinquenta mil sessões de “fisio” no joelho, não, cinquenta mil é muito, mas cinquenta sessões de “fisio” no joelho. Mas é que isso faz parte, então.

C.M – O que significa neste momento o futsal para sua vida?

T.F – Olha, eu não consigo me ver no futsal profissional de sair para jogar a seleção, essas coisas assim. Mas para mim, é um negócio que me faz bem, me faz sentir bem, além de eu

²³ Apelido da entrevistada.

²⁴ Nome sujeito a confirmação.

conseguir manter o corpo [RISO], tem que ter uma atividade física nesse corpo, mas é um bagulho de bem-estar. Eu me sento feliz, eu preciso fazer, jogar futsal, para me sentir feliz e completa.

C.M – Nega, pode fazer um resumo dos times nos quais você jogou?

T.F – Uhum. 2004, dois, três, por aí, foi no meu colégio, escola; 2006 foi na ACM, que era o clube; 2012 foi na ULBRA; 2013 foi na Nova Geração, que era amador, esse ano foi o ano que eu cresci total, vários reconhecimentos; 2014 na UFRGS e até hoje UFRGS e para sempre UFRGS, ah, e 2014 AFUSCA também.

C.M – Essas experiências em diferentes times, o que significaram para sua vida?

T.F – Ver como é diferente, é o mesmo esporte, a mesma modalidade, o mesmo objetivo, mas como é diferente em cada lugar. Tu tem estruturas diferentes, tu tem patrocínio, tu não tem patrocínio, tu tem que te virar, os outros se viram por ti. Então, tu tem várias realidades, conforme tu muda de clube ou lugar que tu vai jogar, é uma realidade diferente, então, tu tem que adaptar. Tu está acostumada, sair de um lugar onde tu, bancam tudo para ti, e aí tu vai para um lugar onde tu tem que começar a bancar, tu fica meio assim: “bah, que acontece”, mas depois tu aprende.

C.M – Mais alguma coisa que você queira me contar relacionada com sua experiência pessoal com o futsal ou futebol?

T.F – Não, acho que é isso.

C.M – Muito obrigada por contar a sua história, valeu muito.

T.F – Capaz.

[FIM DA ENTREVISTA]